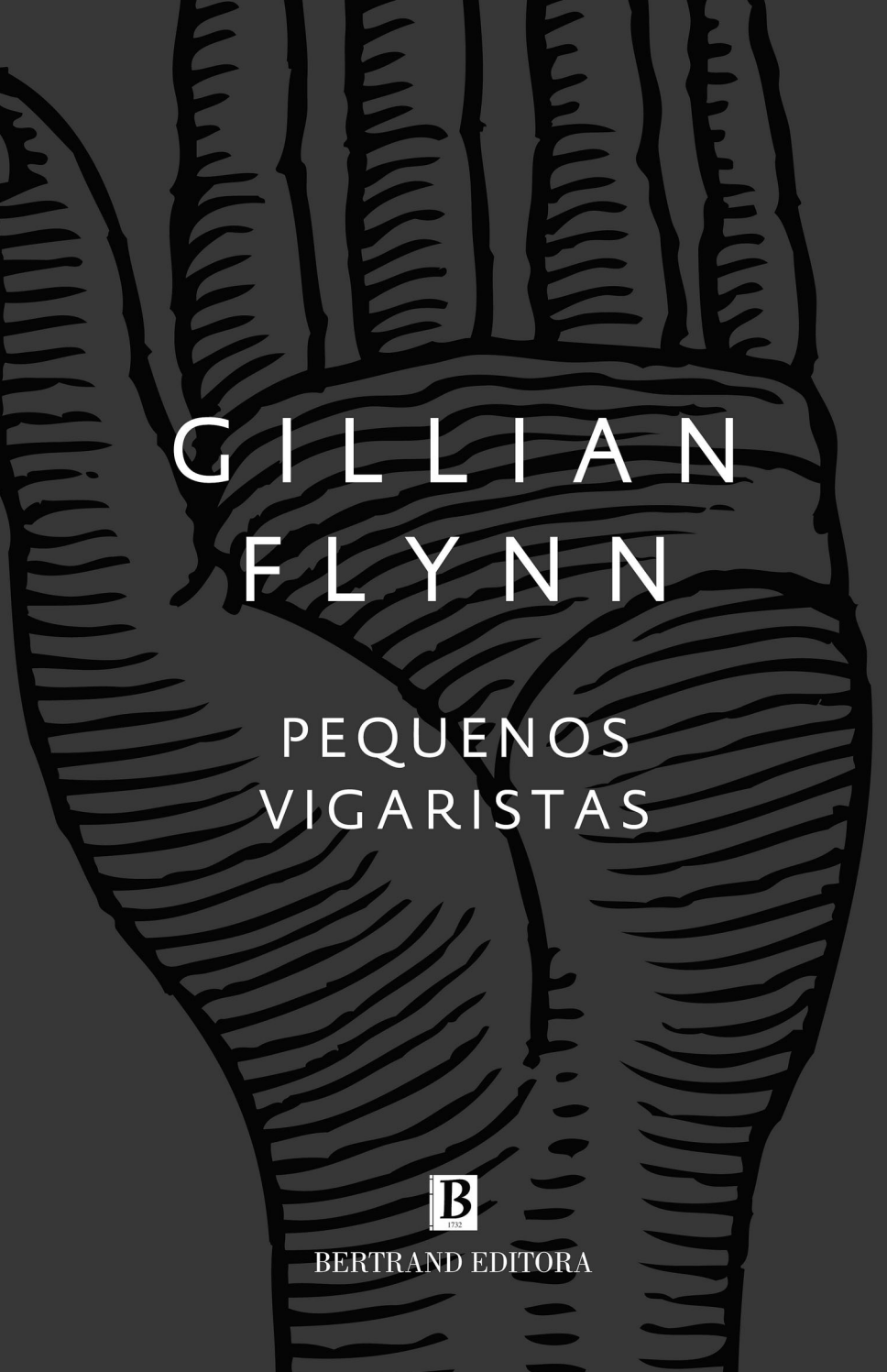




PEQUENOS  
VIGARISTAS



GILLIAN  
FLYNN

PEQUENOS  
VIGARISTAS



BERTRAND EDITORA



*Para David e Ceán: vocês são muito, muito depravados.*

Eu não deixei de bater punhetas por não ser boa. Eu deixei de bater punhetas por ser a melhor.

Durante três anos, bati as melhores punhetas da área de três Estados. O segredo é não pensar demais. Se uma pessoa se começa a preocupar com a técnica, se começa a analisar o ritmo e a pressão, perde a essência da natureza do ato. Tem de se mentalizar antes, depois tem de parar de pensar e confiar no próprio corpo para assumir o controle.

Basicamente, é como uma tacada no golfe.

Fiz homens virem-se seis dias por semana, oito horas por dia, com uma pausa para almoçar, e a minha agenda estava sempre cheia. Tirava duas semanas de férias todos os anos e nunca trabalhava nessa altura, porque punhetas de férias são uma tristeza para toda a gente. Assim, em três anos, a

minha estimativa é que tenha chegado a 23 546 punhetas. Portanto, não liguem àquela cabra da Shardelle quando diz que desisti porque não tinha talento.

Desisti porque, quando se bate 23 546 punhetas durante um período de três anos, a síndrome do canal cárpico torna-se uma coisa muito concreta.

Cheguei a esta minha atividade de forma honesta. Talvez «natural» seja um termo melhor. Nunca na vida fiz grande coisa honestamente. Fui criada na cidade por uma mãe zarolha (a frase de abertura da minha autobiografia) e ela não era uma senhora simpática. Não tinha problemas com drogas nem com álcool, mas tinha um problema com o trabalho. Era a cabrona mais preguiçosa que eu já conheci. Duas vezes por semana, íamos para as ruas da baixa pedir. Mas como a minha mãe detestava estar de pé, queria ter uma estratégia para aquilo. Obter o máximo de dinheiro no mínimo tempo possível e depois ir para casa comer bolos zebra e ver *reality shows* de casos justiça, instalada no nosso colchão partido, entre as nódoas. (É aquilo de que mais me lembro da minha infância: nódoas. Não saberia dizer a cor dos olhos da minha mãe, mas posso dizer que a nódoa do

tapete felpudo era de um castanho profundo, cor de molho, e as nódoas do teto eram laranja queimado e as das paredes eram de um amarelo elétrico, de mijo de ressaca.

Eu e a minha mãe vestíamo-nos para o papel. Ela tinha um lindo vestido de algodão desbotado e coçado, mas todo ele gritando decência. A mim vestia-me qualquer coisa que tivesse deixado de me servir. Sentávamo-nos num banco a escolher as pessoas certas a quem pedir. É um esquema bastante simples. A primeira escolha é um autocarro de uma igreja de fora da cidade. As pessoas da igreja da cidade mandam-nos ir à igreja e pronto. As de fora geralmente têm de ajudar, especialmente uma senhora zarolha com uma miúda de cara tristonha. A segunda escolha é um par de mulheres. (As mulheres sozinhas podem afastar-se disparadas muito depressa; a um grupo de mulheres é muito difícil sacar.) A terceira escolha é uma mulher sozinha que tenha aquele ar aberto. Sabem como é: a mesma mulher que paramos para perguntar direções ou a hora, é a essa mulher que pedimos dinheiro. E também homens mais para o novo, com barba e guitarra. Não parem homens

de fato: esse cliché é verdadeiro, são todos parvos. E deixem passar também os de anel no polegar. Não sei porquê, mas os homens de anel no polegar nunca ajudam.

Os que nós escolhíamos? Não lhes chamávamos alvos, nem presas, nem vítimas. Chamávamos-lhes Tonys, porque o nome do meu pai era Tony e ele nunca sabia dizer que não a ninguém (se bem que parta do princípio de que tenha dito não à minha mãe pelo menos uma vez, quando ela lhe pediu que ficasse).

Quando se para um Tony, percebe-se logo em dois segundos de que maneira pedir. Alguns querem que aquilo acabe depressa, como num assalto. Disparamos: «Precisamos dedinheiropracomertemunstrocós?» Outros querem deleitar-se com a nossa desgraça. Só dão dinheiro se lhes dermos alguma coisa que os faça sentir-se melhor e, quanto mais triste a nossa história, melhor se sentem com a ideia de nos ajudar e mais dinheiro nos dão. Isto não é uma crítica. Vai-se ao teatro para se ter entretenimento.

A minha mãe tinha sido criada numa quinta mais para sul do nosso Estado. A mãe dela morreu ao dar à luz; o pai cultivava soja e criava a filha

quando não estava demasiado exausto. Mudou-se para aqui com o intuito de ir para a universidade, mas o pai ficou doente com cancro e a quinta foi vendida, ela deixou de ter uma vida remediada e foi obrigada a desistir. Trabalhou como empregada de mesa durante três anos, mas apareceu a menina, e o pai da menina foi-se embora, e sem dar por isso... contava-se entre eles. Os necessitados. Não tinha orgulho nisso...

Estão a ver a ideia. Isto era só o começo da história. Pode-se continuar a partir daqui. Percebe-se muito depressa se a pessoa quer uma história de fibra, de alguém que fez das tripas coração: nesse caso, eu tornava-me de imediato aluna de quadro de honra numa escola autónoma bastante longe (e era mesmo, mas a questão aqui não é a verdade) e a minha mãe só precisava de dinheiro para a gasolina para me levar lá (na verdade, eu apanhava três autocarros sozinha). Ou se a pessoa quer uma história «que se lixe o sistema»: então, eu sofria imediatamente de uma doença rara (que recebia o nome do parvalhão com quem ela andasse na altura — síndrome Todd-Tychon, doença de Gregory-Fisher) e os meus infortúnios de saúde tinham-nos deixado sem chavo.

A minha mãe era astuta, mas preguiçosa. Eu era muito mais ambiciosa. Tinha vitalidade aos montes e zero de orgulho. Quando cheguei aos treze anos, já conseguia mais centenas de dólares em esmolos por dia do que ela e, aos dezasseis, já a tinha deixado, mais às nódoas e à televisão — e, sim, ao liceu — para pedir sozinha. Saía todas as manhãs para a rua e pedia durante seis horas. Sabia quem devia abordar, por quanto tempo e exatamente o que dizer. Nunca tive vergonha. O que eu fazia era uma transação pura: faz-se com que uma pessoa se sinta bem e ela dá dinheiro em troca.

Portanto, podem ver que toda a história das punhetas foi para mim como que uma progressão natural na carreira.

Palmas Espirituais (a culpa não é minha, não fui eu que lhe dei o nome) situava-se num bairro Tony, a oeste da baixa. Cartas de tarô e bolas de cristal à frente, sexo *soft-core* e ilegal nos fundos. Eu tinha respondido a um anúncio para rececionista. Acontece que «rececionista» significava «puta». Viveca, a minha patroa, é uma antiga rececionista e atual quiromante *bona fide*. (Se bem que Viveca não seja o nome *bona fide* dela, o seu nome

*bona fide* é Jennifer, mas ninguém acredita que as Jennifers saibam dizer o futuro; as Jennifers podem dizer quais são os sapatos giros que devemos comprar ou a que mercado agrícola devemos ir, mas devem manter as mãos afastadas do futuro dos outros.) A Viveca dá emprego a videntes na parte da frente e gere um quartinho muito asseado lá atrás. O quarto dos fundos parece o gabinete de um médico: tem rolos de papel, desinfetante e uma marquesa. As raparigas conferem-lhe textura com lenços colocados sobre as lâmpadas, *potpourri* e almofadas com lantejoulas — todas essas coisas com que só raparigas muito femininas se podiam preocupar. Quer dizer, se eu fosse um gajo à procura de uma rapariga a quem pagar para me bater uma, não entrava no quarto a dizer: «Meu Deus, sinto um cheirinho a *strudel* acabado de fazer e noz-moscada... depressa, agarra-me na pila!» Eu entrava no quarto e dizia muito pouco, que é o que a maior parte faz.

O homem que vem para as punhetas é único. (E nós aqui só batemos punhetas, ou pelo menos eu só bato punhetas — tenho registo de prisão por uns quantos furtos menores, umas coisas estúpidas que fiz aos dezoito, dezanove, vinte anos, que vão garantir que eu nunca, mas *nunca* consiga

arranjar um trabalho decente e, portanto, não preciso de colocar um busto sério de prostituta em cima disso.) Os tipos das punhetas são criaturas muito diferentes dos que querem broches ou dos que querem sexo. É verdade que para alguns homens uma punheta é uma mera antecâmara do ato sexual. Mas eu tinha montes de clientes que voltavam: eles nunca hão de querer mais do que uma punheta. Não a consideram uma traição. Ou então têm medo das doenças, ou nunca têm coragem de pedir mais do que isso. A tendência é que sejam homens casados tensos e nervosos, com trabalhos medianos, sobretudo sem poder nenhum. Não estou a fazer juízos de valor, limito-me a dar o meu parecer. Querem que sejamos atraentes, mas não umas putéfiás. Por exemplo, na minha vida real uso óculos, mas não os ponho quando estou lá atrás porque são motivo de distração: ficam a pensar que vou representar o papel de Bibliotecária Sensual para eles, o que os deixa tensos, à espera dos primeiros acordes de uma canção dos ZZ Top, e depois não a ouvem e ficam envergonhados por terem pensado que eu ia fazer de Bibliotecária Sensual e depois distraem-se e aquilo tudo leva mais tempo do que seria desejável para qualquer das partes.

Querem que sejamos simpáticas e agradáveis, mas fracas não. Não se querem sentir predadores. Querem que isto seja uma transação. Orientada para o serviço ao consumidor. De maneira que se faz um bocadinho de conversa de cortesia sobre o tempo e um clube de futebol de que eles gostem. Geralmente, tento arranjar uma piada privada qualquer que possamos repetir em todas as visitas: uma piada privada é como um símbolo de amizade sem o trabalho que uma verdadeira amizade dá. Portanto, diz-se *Vejo que os morangos estão maduros!* ou *Precisamos de um barquinho maior* (estas piadas privadas são reais), e depois quebra-se o gelo e eles não se sentem uns montes de merda porque somos amigos, instala-se o clima certo e uma pessoa pode atirar-se à tarefa.

Quando as pessoas me fazem aquela pergunta que toda a gente faz, «O que faz?», eu digo «Trabalho na área do serviço ao cliente», o que é verdade. Para mim, um bom dia de trabalho é quando se faz muita gente sorrir. Eu sei que isto parece muito profissional, mas é verdade. Quer dizer, eu preferia ser bibliotecária, mas preocupa-me não ser um trabalho estável. Os livros podem ser temporários; as pilas são para sempre.

O problema é que o meu pulso estava a dar cabo de mim. Ainda mal tinha chegado aos trinta e já tinha o pulso de uma octogenária, com uma ligadura de desporto nada *sexy* a condizer. Tirava-a antes do trabalho, mas aquele barulho do velcro a descolar deixava os homens um bocadinho nervosos. Um dia, a Viveca foi fazer-me uma visita aos fundos. É uma mulher pesada, parece um polvo — montes de contas e folhos e lenços a esvoaçar à volta dela, a par de um cheiro intenso a água-de-colónia. Tem o cabelo pintado da cor de ponche de fruta e insiste que é a cor natural. (*Viveca: filha mais nova de uma família de classe baixa; indulgente com as pessoas de quem gosta; chora a ver anúncios; múltiplas tentativas falhadas de se tornar vegetariana. É só um palpite.*)

— Tu és médium, Croma? — perguntou ela.

Chamava-me Croma porque eu usava óculos, lia livros e comia iogurte à hora de almoço. Não sou mesmo croma, sou só aspirante. Devido àquela história de ter desistido do liceu, sou autodidata. (Não é uma palavra obscena, vão ver ao dicionário.) Estou constantemente a ler. Penso. Mas falta-me formação. Portanto, tenho a sensação de que sou mais esperta do que toda a gente à minha volta, mas que, se alguma vez me aproximasse de

peessoas realmente espertas — pessoas que andaram na universidade, que bebem vinho e falam latim —, elas morreriam de tédio comigo. É uma maneira solitária de se estar na vida. Portanto, uso o nome como se fosse uma medalha de honra. Que possa um dia não aborrecer completamente algumas pessoas realmente muito espertas. A questão é: como é que se encontram pessoas espertas?

— Médiu? Não.

— Vidente? Alguma vez tiveste visões?

— Não.

Achava que aquelas tretas todas de prever o futuro eram *fé di ver*, como dizia a minha mãe. Ela era mesmo de uma quinta mais no sul do Estado, essa parte era verdade.

A Viveca parou de brincar com uma das suas contas.

— Croma, eu estou aqui a tentar ajudar-te.

Percebi. Geralmente, não sou assim tão lenta, mas tinha o pulso a latejar. Era aquele tipo de dor que distrai, em que a única coisa em que se consegue pensar é como acabar com ela. Além disso, e em minha defesa, a Viveca geralmente só faz perguntas para poder falar, não quer saber das respostas.